

DIFERENTES LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA DA CIDADE RIO DE JANEIRO

Ana Claudia Ramos Sacramento*

Resumo: este artigo trata da utilização de diferentes linguagens no ensino de geografia em prol de uma aprendizagem significativa dos aspectos geográficos da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: diferentes linguagens; educação geográfica; didática; Rio de Janeiro.

THE GEOPHICAL EDUCATION IN RIO DE JANEIRO: DIFFERENT LANGUAGES

Abstract: this article deals with the use of different languages on the scholar's geography in order to acquire a significant learning about geographic aspects of Rio de Janeiro.

Keywords: different languages; geophaphy education; didactic; Rio de Janeiro.

LENGUAJES DIFERENTES EN LA EDUCACIÓN GEOGRÁFICA DE LA CIUDAD DE RIO DE JANEIRO

Resumen: en este artículo se analiza el uso de las diferentes lenguajes en la enseñanza de la geografía en favor de un aprendizaje significativo de los aspectos geográficos de la ciudad de Río de Janeiro.

Palabras clave: languages diferentes; educación geográfica; didáctica; Río de Janeiro.

* Professora de Metodologia e Práticas Pedagógicas do Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado do Departamento de Geografia da UERJ-FFP. Mestre em Educação, Doutora em Geografia/USP. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação e Didática da Geografia: Práticas Interdisciplinares anaclaudia.sacramento@usp.br.

Introdução

Diferentes linguagens são utilizadas como instrumentos de aprendizagem para viabilizar a construção do conhecimento ministrado em aula. Isto se torna possível quando o professor organiza sua aula em busca de uma aprendizagem sobre o cotidiano, trabalhando com temáticas nas quais os alunos compreendam não só o mundo como também o lugar em que vivem.

O professor, ao refletir sobre a aula, se permite compreender que não se pode utilizar das diferentes linguagens para ensinar geografia sem uma construção prévia das mesmas. Sendo assim, ele reflete como os conteúdos e os conceitos podem ser trabalhados por meio dos recursos como as linguagens cartográfica, poética, musical, literária, midiática, dentre outros.

Neste artigo, destacamos o estudo da cidade do Rio de Janeiro, que tem sido um tema recorrente nas discussões teórico-didáticas no ensino de geografia, e que despertou interesse em alguns autores latino-americanos como Castellar (2011), Cavalcanti (2011) dentre outros, que têm analisado metodologicamente as diferentes maneiras de se ensinar a cidade. Neste contexto, a cidade representa a materialização dos objetos e ações espacializados conforme as necessidades humanas de intervenção, seja como lugar de moradia, de trabalho, de lazer, etc. Desta maneira, a sociedade modifica este espaço, buscando alternativas de uso e ao mesmo tempo o reconstruindo constantemente.

Assim, o objetivo deste texto é justamente compreender a importância da educação geográfica utilizando as diferentes linguagens que serão relacionadas à cidade do Rio de Janeiro como estratégia para a aprendizagem dos conteúdos e dos conceitos da *Geografia*.

O uso das diferentes linguagens para a construção do conhecimento

O mundo atual está impregnado por signos, códigos e linguagens que são interpretados de diferentes maneiras. Um dos elementos importantes no processo de

organização e compreensão dessas linguagens múltiplas é construído no ambiente escolar, que insere dentro do seu universo a possibilidade de utilização desses recursos pelos professores. Na prática educativa, a cada momento torna-se importante a construção de diferentes propostas didático-metodológicas que permitam a articulação entre as ações dos professores e o desenvolvimento dos saberes escolares, necessários para a produção do conhecimento.

Historicamente, podemos dizer que o uso de materiais diversificados nas salas de aula sempre foi uma referência na discussão de diferentes propostas de ensino. Estas propostas têm se alicerçado em um discurso de reforma educacional, o qual passou a ser sinônimo de renovação pedagógica, progresso e mudança (FISCARELLI, 2008).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1996) destacam a importância do uso de diferentes linguagens como novas formas de aprendizagem. Uma das exigências das Políticas Educacionais atuais diz respeito à produção e a distribuição desses diversos tipos de materiais para que o professor possa utilizá-los durante as suas aulas. Seus usos estão diretamente ligados à didática do professor, e também ao conhecimento tanto da metodologia de ensino como da própria ciência geográfica. CASTELLAR e VILHENA (2010: 65) corroboram esta discussão, apontando que:

Ao utilizar os materiais didáticos, o professor deve ter domínio do uso que fará e também ser seletivo na organização da aula. Um dos recursos de que os professores fazem uso são as diferentes linguagens, na medida em que todos são responsáveis pela capacidade leitora e escritora do aluno.

Podemos dizer que o professor deve conscientizar-se do papel que recursos como textos, jornais, revistas científicas e internet – *as diferentes linguagens de nosso cotidiano!* – têm em sala de aula. Para tanto, a apropriação do uso dessas linguagens, que tem seus próprios códigos e suas formas de representação, faz-se por meio de determinadas estratégias que desenvolvam nos alunos a compreensão dos conceitos e conteúdos necessários para a construção do seu saber.

As linguagens têm suas características específicas: a música, a poesia, a literatura, os mapas e outros possibilitam que o professor organize e articule os conhecimentos geográficos. PONTUSCHKA et. al. (2007: 216) destacam que

Cada uma das linguagens possui seus códigos e seus artifícios de representação, que precisam ser conhecidos por professores e alunos para maior compreensão daquelas a ser trabalhadas com conteúdos geográficos.

Elas destacam que ao professor cabe conhecer as principais representações dessas linguagens para que, ao organizar suas aulas, saiba determinar o seu uso, articular as informações que esses códigos podem fornecer e orientar pedagogicamente sequências com possibilidade de desenvolvimento cognitivo do aluno. Para isso, é importante entender que a Educação Geográfica pode contribuir para este olhar, ao perceber que essas linguagens necessitam de novas formas de ensino-aprendizagem. Desta maneira, as diferentes linguagens sobre a cidade do Rio de Janeiro podem constituir uma forma de mediar o conhecimento dos alunos a fim de que aprendam com seu cotidiano.

A importância da Educação Geográfica e da Didática neste contexto

A Educação Geográfica é uma das novas possibilidades de se pensar um ensino voltado ao estímulo de ações que mobilizem o aluno à construção do conhecimento. Isso quer dizer que *pensar o ensino possibilita criar condições para que o aluno compreenda os fenômenos geográficos que ocorrem a sua volta.*

MOREIRA (2007) destaca que conceitos e conteúdos devem ser organizados em uma perspectiva lógica de se pensar a *geografia*; ou seja, que esta organização seja subsidiadora ao aluno para que este se torne capaz de perceber um fenômeno em sua dimensão geográfica, isto é, *localizar, distribuir, medir a distância, delimitar a extensão e verificar a escala de sua manifestação na paisagem.* Compreender geograficamente a cidade em sua plenitude, segundo os ensinamentos de Ruy Moreira, não deve deixar de contemplar esta metodologia.

LOPES (2011) destaca a importância da cidade como um “espaço social”, um produto das relações sociais e um condicionador dessas relações. É nesse sentido que a Educação Geográfica precisa estabelecer relações geográficas para fazer com que o aluno compreenda sua espacialidade nessas dimensões, partindo de alguns elementos

necessários que estimulem sua capacidade cognitiva. Entendendo a cidade como um *espaço educativo* e apreendendo com as diferentes formas de ensinar a cidade.

Esse processo se organiza à medida que o professor, enquanto mediador, estrutura a sua aula, considerando os conhecimentos prévios trazidos pelos alunos. E pensar pedagogicamente os saberes geográficos de modo significativo para os alunos implica em desenvolver ações que reestruturem os conteúdos, inovem os procedimentos e estabeleçam com clareza os objetivos (CASTELLAR & VILHENA, 2010).

Desse modo, a prática educativa na construção de conceitos, atitudes e procedimentos, socialmente, no grupo familiar ou na escola, se faz considerando o conhecimento prévio do aluno, participando do processo de aprendizagem ao possibilitar diversificadas reflexões durante o trabalho com o material escolar. Segundo CASTELLAR (2005), quando o professor define seus objetivos, organiza conteúdos, conceitos e conhece os seus alunos, torna-se mais fácil perceber e criar condições para que ocorra de fato uma aprendizagem significativa. Nesta perspectiva, consideramos que a aula tem uma função primordial, pois é o momento no qual se pode organizar o conhecimento e o pensamento do aluno, a partir de atividades de aprendizagem.

De acordo ainda com esta autora, pensar na perspectiva da Educação Geográfica é superar as aprendizagens repetitivas e sem sentido, e passar a adotar outras práticas de ensino, investindo nas habilidades: análises, interpretações e aplicações em situações práticas; ensinar a cartografia para além do simples exercício de mapeamento matematizado e utilizá-la como ferramenta de análise da realidade espacial; analisar os fenômenos em diferentes escalas; compreender a dimensão ambiental, política e sócio-econômica dos territórios; e, dessa forma, construir um caráter diferenciado ao currículo escolar. Com estas ferramentas, o estudo da cidade será fecundo para o aluno, fomentando diferentes reflexões sobre a realidade que o cerca.

Todas essas ações didático-metodológicas devem permitir aos alunos, enquanto sujeitos, formarem uma consciência da espacialidade dos fenômenos vivenciados como parte da sua história sócio-cultural, possibilitando que eles possam adquirir uma

consciência geográfica sobre a realidade que os cerca. Isto é mais que perceber os diferentes matizes sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais da cidade; é construir a capacidade do público discente de criar, recriar e organizar a realidade em que vivem.

Para isto, a concepção das aulas deve abordar de forma interativa os temas, destacando os elementos relevantes na produção do conhecimento. Então, a prática docente deve buscar uma articulação entre os conteúdos e conceitos geográficos, isto é, organizar processos de ensino que fomentem situações para que haja a aprendizagem sobre o mundo em diferentes contextos dentro da sala de aula. É fundamental que o professor, por meio da organização didática, encontre instrumentos metodológicos que direcione e estimule o aluno a participar, a entender a importância de se estudar esta disciplina para a compreensão e leitura do seu cotidiano.

A utilização de diferentes linguagens no ensino de geografia deve permitir ao aluno ler os códigos, fenômenos e linguagens próprias da Geografia com o intuito de *“saber pensar geograficamente o espaço em que vive”*. Além disso, devem propiciar ao professor possíveis planejamentos de atividades as quais os alunos são incitados a desenvolver um *“raciocínio espacial”*, sabendo articular os conteúdos e conceitos, transpondo-os para o cotidiano.

É evidente que durante seu planejamento e execução ocorrem fatos que levarão ao imprevisto. Isto é natural, uma vez que há uma relação entre o professor e o aluno que produz um novo significado. SACRISTÁN (2000: 209) afirma que:

A ação do ensino nas aulas não é um puro fluir espontâneo, embora existam traços e acontecimentos imprevistos, mas algo regulado por padrões metodológicos implícitos nas tarefas que se praticam. De fato, essa dinâmica é muito fluída, imprescindível, mas os esquemas de atividade que a ordenam não. Seu dinamismo está, pois, condicionada pela ordem interna da atividade. Se conhecermos de antemão um determinado tipo de tarefa que um professor vai realizar, pode-se predizer de algum modo como transcorrerá sua prática, porque o curso de ação que cada tarefa tem que seguir um plano implícito que regula seu desenvolvimento e se acomoda no transcurso do mesmo.

Concordamos com o autor, pois o processo de ensino requer uma organização prévia por parte dos professores para desenvolver seu trabalho dentro de sala de aula, para que de fato se torne presente no cotidiano escolar e nas atividades realizadas por eles. No caso da utilização de diferentes linguagens, a organização de uma atividade prévia é fundamental para que não ocorra esse uso como um simples acréscimo ao final da

“No caso da utilização de diferentes linguagens, a organização de uma atividade prévia é fundamental para que não ocorra esse uso como um simples acréscimo ao final da aula”

aula. Não deve ser somente uma ilustração final do conteúdo, onde os alunos somente responderão questões organizadas pelos professores como fechamento da aula, mas deve haver uma construção real do conhecimento.

Então, é necessário se pensar nas sequências didáticas das aulas com o intuito de organizar a maneira como elas serão conduzidas, para que se

estruture cognitivamente os caminhos rumo à mediação dos conceitos e dos conteúdos aprendidos pelos alunos. Para se pensar possibilidades de construção do conhecimento geográfico a partir da “cidade”, cabe ao professor refletir sobre o processo de *mediação*, esta palavra-chave que implica em se criar estratégias ou metodologias de como se trabalhar com os conhecimentos geográficos escolares por meio das diferentes linguagens e escolher aquelas que podem contribuir para uma aprendizagem mais significativa, entendendo sempre o conteúdo não como algo a ser dado / transmitido, mas sim construído.

A cidade do Rio de Janeiro, interpretada, descrita, poetizada, cantada em vários tipos de linguagens, permite trabalhar com os fenômenos “naturais” e “sociais” que se manifestam cotidianamente na paisagem da cidade.

Pensar a cidade como um espaço de conhecimento geográfico escolar

Nos últimos cinco anos, vários artigos publicados em periódicos, livros, teses e dissertações têm apontado para a necessidade de se pensar a cidade como um objeto de estudo no que se refere ao ensino de geografia. Autores desta área, como

CAVALCANTI (2011, 2007), CALLAI (2007) e CASTELLAR (2011, 2009, 2007), discutem como o ensino da cidade ajuda a pensar os conteúdos e conceitos geográficos, como lugar e paisagem, ou mesmo as formas de relevo, o uso do solo, o “modo de vida”, diversidade cultural, entre outros. CASTELLAR (2011) destaca a importância de elaborar um trabalho sobre esse tema, pois ele nos oferece vários conceitos e conteúdos para se pensar como educar o aluno geograficamente: compreender questões como a concepção de “natureza” em uma área urbana; analisar de maneira profícua o tipo e uso dos solos, as bacias hidrográficas; construir exercícios cartográficos sobre a cidade; entender a regionalização e diferenciação dos bairros e seus objetos geográficos. Deve-se ainda estudar as atividades econômicas internas à urbe, as diferentes ocupações da cidade e os problemas urbanos que atingem a vida de seus habitantes. A cidade, em suas múltiplas relações sociais, econômicas, históricas, geográficas em constante transformação, exige uma compreensão contínua da organização e estruturação das novas dinâmicas do espaço. Não por outro motivo, inúmeros autores destacam a importância de analisar a cidade (ver: ABREU, 1997; LEFEBVRE, 2001; SOUZA, 2011; entre muitos outros), para que se compreenda as diferentes mudanças ocorridas a partir das reorganizações espaciais de suas funções, formas, conteúdos e ações sociais. A cidade representa a obra da história construída por seus sujeitos, ou simplesmente, a ação da sociedade que vive, produz e reproduz esse espaço.

A construção da cidade se dá a partir das disputas entre classes sociais, territorializadas a partir da reprodução da vida social, paulatinamente transformando a paisagem como forma de obter moradia, lazer, trabalho, etc. Desta maneira, segundo LEFEBVRE (2001), vai se configurando a vida urbana. Neste sentido, cada cidade tem sua forma espacial conforme a sua importância dentro do cenário regional ou nacional, progressivamente construídas. Para LOPES (2011), a cidade é, antes de tudo, composta por assentamentos humanos extremamente diversificados, contendo uma complexa rede de informações, organizações econômicas, sociais e políticas que se tornam mais densas a partir das diferentes formas de uso do solo, do processo de sofisticação da urbanização, das mudanças sócio-espaciais, da criação de novos objetos, das

necessidades sociais e das diferentes características que esta adquire ao longo do tempo.

No ensino de geografia, estudar a cidade em sua multiplicidade é promover articulação dos conceitos e conteúdos didáticos com os fenômenos que estão espacializados na própria dinâmica da cidade. Segundo CASTELLAR (2011: 167):

A ideia é de se trabalhar com esses conteúdos para que se transformem em ferramentas conceituais para o pensamento do aluno. Esses conceitos permitem a ele, no estudo de Geografia, localizar e dar significação aos lugares, pensar nessa significação e no papel que os diferentes lugares têm na vida cotidiana de cada um, além da dimensão cultural.

Desta maneira, estudar e entender a cidade possibilita vislumbrar várias discussões acerca dos conhecimentos geográficos; viabilizar e dar significados aos lugares vivenciados; ter criticidade em relação aos fenômenos, fatos e atos que acontecem em seu redor em relação ao mundo.

As diferentes linguagens da cidade do Rio de Janeiro: algumas representações

Existem hoje alguns materiais produzidos especificamente sobre determinados lugares que favorecem ao professor usá-los para representar ou analisar um conhecimento. Muitos desses, evidentemente, não são criados para esse fim, mas o professor pode ter a sensibilidade de criar metodologias que possibilitem o uso em sala de aula no processo de ensino-aprendizagem em geografia.

O conhecimento sobre a cidade requer do professor o estímulo à leitura, à análise e a compreensão das paisagens, territórios e lugares que envolvem a reflexão sobre a cidade. Para isso, é importante que ele conheça os elementos existentes na cidade para saber articular com os conteúdos e a utilização de diferentes linguagens. Contudo, não basta simplesmente conduzir os conteúdos geográficos como lemos nos “livros acadêmicos” sobre a cidade do Rio de Janeiro, mas é necessário que o professor selecione os fenômenos geográficos e os articule também as suas ações didáticas.

Assim, ao trabalhar a cidade do Rio de Janeiro como fonte de conhecimento geográfico, e de materiais a serem utilizados, os conteúdos e conceitos sobre a cidade

apresentam, evidentemente, particularidades históricas e geográficas em relação às outras cidades brasileiras. Sendo sede dos períodos colonial, imperial e republicano, a cidade do Rio de Janeiro tem diversidades culturais, territoriais e urbanas muito específicas.

O Rio de Janeiro é uma das primeiras cidades nacionalmente constituídas, que começou a ser ocupada a partir de 1502, tendo como o marco inicial os morros Cara de Cão e o Pão de Açúcar. Em 1565, a Coroa Portuguesa oficializou a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, deixando de ser vila e passando a ser uma cidade.

O Rio passou por graves transformações até o final do século XVII. Devido à descoberta do ouro em Minas Gerais, a cidade se tornou sede do principal porto do período colonial. Neste período, o Rio de Janeiro, consolidou-se como centro político, que a partir de 1763 se tornou capital da colônia, ocasionando o desenvolvimento de várias obras na cidade, como, por exemplo, o Passeio Público (1789), um espaço público para o lazer.

Em 1808, a família real mudou-se para o Rio, devido à invasão napoleônica em Portugal. A cidade passou a ser sede do Império Português, mudando a paisagem local, trazendo muitos benefícios à cidade, das quais podemos destacar: a criação do Banco do Brasil (1808); criação de escolas médico-cirúrgicas (1808); criação da Academia Real Militar (1810); Biblioteca Real (1810); Jardim Botânico (1811); Museu Nacional da Quinta da Boa Vista (1818), entre outros. Assim, o Rio de Janeiro começou a se modernizar, com mudanças arquitetônicas e urbanísticas, com a malha urbana se expandindo para além do centro da cidade em direção à Zona Norte, como os bairros de São Cristóvão e Tijuca, e também para a Zona Sul, com os bairros Glória, Catete, Flamengo e Botafogo. Entre as construções que exemplificam esta expansão, pode-se citar a atual Casa França Brasil (antiga Alfândega) e o Palácio Itamaraty.

Em 1822, com a Independência do Brasil, novas mudanças territoriais ocorreram na cidade. A partir desse período, foram instalados os primeiros sistemas de iluminação pública a gás (1854), de esgotos e água encanada (1862), os trens e os bondes como

veículos urbanos, o transporte aquaviário através de barcas que liga a cidade do Rio de Janeiro à cidade de Niterói, ao leste da Baía de Guanabara.

Com a República (1889), o ecletismo se tornou referência arquitetônica, com a criação do Teatro Municipal, abertura da Av. Central (atual Av. Rio Branco) e alargamento de várias ruas. Já no início do século XX, com a Reforma de Pereira Passos, o Rio de Janeiro constituiu-se como a primeira cidade reurbanizada do país (ver: ABREU, 1997), promovendo uma nova forma de organização espacial e estabelecendo novas configurações territoriais, como meio de transportes, abertura de novas áreas para moradia, novas tecnologias como a iluminação pública. Paralelamente a este desenvolvimento, o processo de favelização da cidade ganha vulto na paisagem urbana.

No decorrer do Século XX, o desenvolvimento industrial e o próprio processo de modernização urbana aceleraram as transformações, estimulando a imigração para a cidade do Rio de Janeiro. As mansões da Zona Sul, por exemplo, foram substituídas por apartamentos e condomínios, e um processo de verticalização, da mesma maneira que houve a expansão horizontal do subúrbio. A Avenida Brasil foi inaugurada em 1937, com a instalação de várias fábricas e moradias populares, concomitante ao processo de favelização.

A partir da década de 1960, o Rio deixa de ser sede do Governo Federal. Neste período, ocorreram investimentos em grandes projetos como a autoestrada Lagoa Barra, com o desenvolvimento dos bairros de São Conrado, Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes e, na década de 1970, a construção da Ponte Rio-Niterói.

Este breve resgate histórico é condizente com a observação feita por vários autores de que as novas organizações urbanas, bem como as modificações que a cidade foi vivenciando ao longo do tempo, são necessárias para a análise da apropriação espacial na atualidade (ver: SOUZA, 1996 e 2000). Em relação à sua constituição física, podemos visualizar as diferentes formas geomorfológicas e geológicas que possibilitaram a cidade ter uma paisagem que vislumbre os maciços litorâneos, planícies, Baía de Guanabara, lagoas, restingas, ilhas e praias, que foram modificadas pelo crescimento acelerado da cidade (ver: AMADOR, 1997; GUERRA & CUNHA, 1996).

Tanto AMADOR (1996) quanto GUERRA (1997) destacam como as transformações ocorridas com o desaparecimento de praias, de morros, de lagos foram realizados para contemplar as novas organizações espaciais dentro da cidade.

São justamente algumas destas belezas naturais que imprimem, dentre as várias atividades econômicas, o destaque para o turismo; afinal, com vários pontos turísticos, associado aos múltiplos eventos culturais e de lazer espalhados por toda cidade, são explorados os objetos, símbolos e signos da cidade, suas riquezas naturais e construções humanas.

As diferentes linguagens que serão apresentadas aqui têm o intuito de mostrar os diferentes materiais disponíveis sobre a cidade do Rio de Janeiro que podem ser usados como elementos importantes na construção do conhecimento cotidiano dos alunos sobre a cidade.

O uso de poesia e literatura

As diferentes linguagens – *objeto deste artigo* – têm como característica principal o texto escrito, sem o formalismo acadêmico ou mesmo o apuro didático de uma ferramenta formal de ensino, como forma de expressar um pensamento, uma descrição de uma paisagem ou um sentimento. É importante destacar o quanto a ciência geográfica pode auxiliar na compreensão de um texto literário ou de uma poesia, através da construção dos conceitos e conteúdos geográficos.

NEVES (2008) destaca que pensar a poesia e a literatura em sala de aula é um trabalho fundamental, pois essas linguagens são manifestações universais criadas como meios de expressão sobre a realidade. Pensar *poesias e peças em prosa literária* sobre a cidade do Rio de Janeiro permite conhecer a cidade, buscando elementos que auxiliem os professores de geografia a estudarem o lugar em sua multiplicidade, como a sua localização, orientação, aspectos físicos, culturais ou econômicos estabelecidos na leitura realizada.



Figura 1: Poesia sobre Lagoa [Autor Desconhecido].
Fonte: RODRIGUES, H. *Versos para um Rio Antigo*: poesia para crianças.
Rio de Janeiro: PINAKOTHEKE, 2007, p. 22.

Explorar a poesia sobre a “Lagoa” permite estabelecer algumas questões como, por exemplo, o relevo e as condições histórico-espaciais da época representadas na poesia. Como exercício de organização metodológica, torna-se possível destacar alguns passos: (a) a leitura da poesia; (b) a interpretação; (c) os conceitos e os conteúdos que podem ser explorados, como de paisagem, lagoa, urbano, dentre outros; e (d) a reflexão sobre a questão histórica da época e a sua paisagem local. Além disso, o uso da própria imagem utilizada na representação das palavras do autor destaca elementos geográficos como o relevo (*a lagoa*) e a ocupação.

Em sua dissertação de mestrado, BARCELLOS (2006) analisa a literatura de Machado de Assis sobre a cidade do Rio de Janeiro, apontando que a mesma faz parte do nosso processo histórico, pois representa o que o seu autor capta, valoriza, imagina e descreve sobre determinados contextos tanto geográficos como históricos. O texto

literário concebe uma linguagem a partir do discurso, ou seja, das palavras e dos signos que se apresentam para o leitor. Desta maneira, a literatura serve de tema para a Geografia Cultural, ao trazer a relação cultural, emocional, artística das diferentes paisagens, lugares e espaços presentes nas experiências do autor.

BARCELLOS (2006: 70) mostra como Machado de Assis valoriza as ruas da cidade que são representadas como lugares onde os seus personagens se movimentam, conforme os seguintes trechos de Quincas Borba:

(...) Eu, em trinta e tantos, pouco antes da Maioridade, tive um amigo, o melhor dos meus amigos daquele tempo, que conheci assim por um acaso, na botica do Bernardes, por alcunha o João das pantorrilhas ... Creio que usou delas, em rapaz, entre 1801 e 1802. O certo é que a alcunha ficou. A botica era na rua de São José, ao desembocar na da Misericórdia ... João das pantorrilhas... Sabe que era um modo de engrossar a perna (...)(ASSIS, 2004 [1891] apud BARCELLOS, 2006: 70).

(...) Não é que Escobar ainda lá more nem sequer viva; morreu pouco depois, por um modo que hei de contar. Enquanto viveu, uma vez que estávamos tão próximos, tínhamos por assim dizer uma só casa, eu vivia na dele, ele na minha, e o pedaço de praia entre a Glória e o Flamengo era como um caminho de uso próprio e particular. Fazia-me pensar nas duas casas de Matacavalos, com o seu muro de permeio (...)(ASSIS, 2004 [1891] apud BARCELLOS, 2006: 75).

Observamos como a literatura pode contribuir para a discussão de conceitos e dos conteúdos geográficos, ao destacar, por exemplo, as ruas da cidade, os diferentes lugares em seu interior e as próprias formas de relevo. Esses trechos remetem à história do Rio, em sua geografia particular da época, no momento em que o Brasil se torna uma República e as concepções arquitetônicas da cidade são paulatinamente alteradas. As ruas e os lugares descritos por Machado de Assis retratam uma cidade geograficamente muito diferente da atual – como nos mostra ABREU (1997) com rigor acadêmico – mas que ao mesmo tempo, mantém elementos de sua paisagem, mas instituindo novas formas e conteúdos aos lugares.

O uso das imagens

As imagens são recursos didáticos muito importantes, pois na observação de um dado elemento é possível construir conceitos fundamentais na elaboração das sequências didáticas que auxiliem no conhecimento necessário para uma aula específica ou conteúdo. CASTELLAR e VILHENA (2010) destacam o uso da imagem como um recurso, como um “ponto de partida”, como forma de analisar um dado fenômeno a ser estudado na geografia.

As autoras destacam ainda que as imagens devem ser previamente selecionadas com o objetivo de o professor organizar sua aula para explorar este recurso. Afinal, trabalhar com as imagens de Copacabana possibilita a discussão sobre as mudanças e permanências recorrentes na paisagem, fazendo com que o aluno compreenda as transformações espaciais ocorridas, percebendo a ocupação do território e as próprias mudanças na “natureza”.

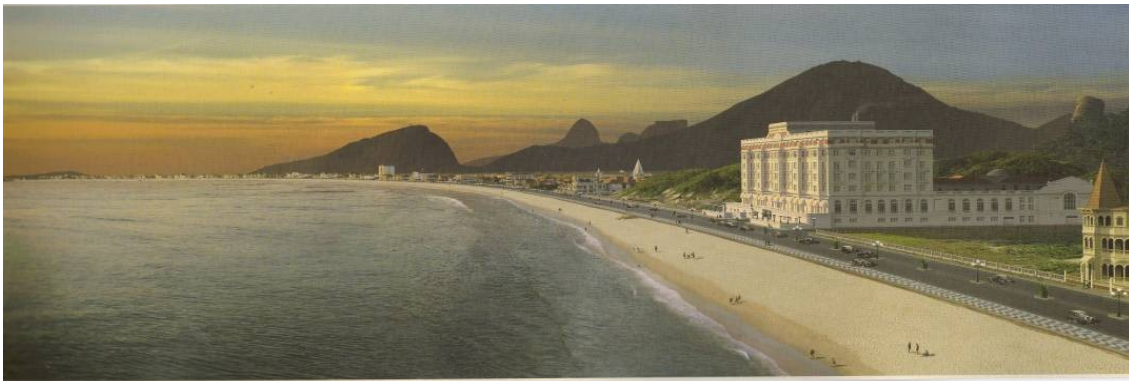


Figura 2: Copacabana em 1927.

Fonte: Instituto Pereira Passos.



Figura 3: Copacabana em 2000.
Fonte: Instituto Pereira Passos.

CASTELLAR (2003), em dois cursos recentes de Formação Continuada de Professores no Estado de São Paulo, utilizou essas imagens como forma de entender a estruturação da cidade, do seu crescimento urbano e de sua urbanização ao longo do século XX. A partir das imagens, os professores tiveram que realizar uma sequência didática, utilizando a imagem como um meio de aprendizado sobre a cidade e seu processo de urbanização. Já em outro curso, os professores já possuíam uma sequência em suas apostilas e ficaram imbuídos de desenvolvê-las.

Podemos destacar alguns conteúdos e conceitos importantes que podem ser descritos a partir das imagens: (a) relacionar os acontecimentos do passado e do presente; (b) observar, a partir do visualizável, o que é supostamente “paisagem natural” e o que foi “humanizado”; (c) analisar a interferência do homem e a modificação deste lugar a partir da construção de diferentes objetos; (d) analisar o processo de urbanização do bairro; e (e) trabalhar o conceito de lugar, de paisagem, de natureza e de espaço.

O uso da música

Assim como a literatura, a música também é uma expressão humana que exprime múltiplos sentimentos. COSTA e SILVA (2003) realizaram um trabalho sobre algumas canções da MPB no ensino de geografia, construindo atividades interessantes que abarcam o universo da cidade do Rio de Janeiro. De antemão, a música para estes autores se torna um instrumento importante para a construção de um ensino voltado para a produção do conhecimento do aluno.

Ana Claudia Ramos Sacramento, *Diferentes Linguagens na Educação Geográfica da Cidade do Rio de Janeiro*

Outros autores se dedicaram a analisar a música como método de ensino e campo de análise da ciência geográfica. MELLO (1991), por exemplo, estudou como a partir de músicas sobre a cidade do Rio de Janeiro tornava-se possível construir conceitos da Geografia Humanística. Já CORREA (2009) investigou em seu trabalho como letras de músicas populares são capazes de revelar representações da cidade do Rio de Janeiro. Como exemplos de músicas que permitem uma apreensão geográfica no processo de ensino-aprendizagem, é possível destacar duas músicas, sendo uma do rock nacional e a outra bossa nova.

Todo dia o sol da manhã / Vem e lhes desafia
Traz do sonho pro mundo / Quem já não o queria /
Palafitas, trapiches, farrapos / Filhos da mesma agonia
E a cidade que tem braços abertos / Num cartão postal
Com os punhos fechados na vida real
Lhes nega oportunidades / Mostra a face dura do mal
Alagados, Trenchtown, Favela da Maré / A esperança não vem do mar
Nem das antenas de TV / A arte de viver da fé / Só não se sabe fé em quê
(Paralamas do Sucesso, *Alagados* - Composição Hebert Vianna e Bi Ribeiro – 1986)

A música evidencia, entre outras questões, problemas urbanos vividos na Favela da Maré. A partir desta letra pode-se discutir, com o público discente, a questão da favelização, das moradias, da urbanização desenfreada e segregadora na cidade, das diferentes condições sociais, dentre tantas outras possibilidades, analisadas, por exemplo, nos estudos de LOPES (2011, 2000, 1996). Bastante diferente da composição seguinte:

Minha alma canta / Vejo o Rio de Janeiro / Estou morrendo de saudades
Rio, seu mar / Praia sem fim / Rio, você foi feito prá mim
Cristo Redentor / Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque / Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar / Seu corpo todo balançar / Rio de sol, de céu, de mar
Dentro de mais um minuto estaremos no Galeão / Copacabana, Copacabana
(Tom Jobim, *Samba do Avião* – Composição de Tom Jobim e Vinícius de Moraes – 1963)

Nesta outra música, os compositores declaram entusiasticamente seu amor pela cidade, destacando os elementos da natureza, como a “praia”, a “baía”, o “morro” e o “sol”, além de elementos culturais da cidade, como o “Cristo Redentor” e o “samba”,

nesta cidade dita “maravilhosa” onde a natureza e os objetos construídos se misturam de forma harmônica. A partir daí, o professor é capaz de trabalhar a questão do *lugar* – *este conceito que envolve pertencimento e sentimentos* – da paisagem, do relevo, do clima, da cultura e tantos outros conteúdos.

O uso de mapas diversos

O mapa é uma representação espacial constituída como um sistema gráfico com determinados símbolos, onde há necessidade de conhecer um conjunto de procedimentos através dos quais os alunos adquirirão habilidades necessárias para sua plena interpretação.

SIMIELLI (1996) destaca que a leitura de um mapa não pode ser um *fim*, mas o *meio* de uma aprendizagem não caracterizada por cópias ou desenho, mas de uma alfabetização e de um letramento cartográfico. Neste caso, o professor ensinará que a leitura de um mapa, para além da localização e orientação geográfica, serve como forma de reconhecimento de um determinado lugar. A cartografia escolar deve auxiliar o aluno a compreender a estruturação espacial através imagens gráficas representadas por meio dos mais diferentes tipos de mapa.



Figura 4: Mapa turístico do Rio de Janeiro

Fonte: <http://www.viagemdeferias.com/rio-de-janeiro/turismo/mapas.php>.

Acesso em 20 de dezembro de 2011.

O mapa turístico – este recorte estratégico da cidade – apresenta diversos temas para discussão na sala de aula, entre eles: (a) trabalhar com os elementos humanos e naturais; (b) destacar os elementos naturais e fazer uma pesquisa sobre o significado de cada uma das formas de relevo; (c) relacionar quais elementos construídos e naturais correspondem às partes turísticas da cidade; (d) analisar a divisão territorial dos bairros da cidade, e suas regionalizações; (d) localizar e refletir sobre as áreas aterradas da cidade, suas motivações e impactos; (e) auferir a importância logística das redes e meios de transporte, como a Ponte Rio-Niterói, os aeroportos e as barcas da Praça XV.

Assim, é passível de análise o estudo das diferentes paisagens da cidade; a tipologia do relevo (lagoa, praia, ilha, oceano, morro, serra, planície, baía, para ficarmos no nível mais elementar); a divisão político-administrativa da cidade, em seus aspectos estratégicos; por fim, refletir sobre a lateralidade e a visão vertical na cartografia das séries iniciais.

Ana Claudia Ramos Sacramento, *Diferentes Linguagens na Educação Geográfica da Cidade do Rio de Janeiro*

Considerações Finais

A intenção de trazer para o debate as diferentes linguagens para o estudo da cidade do Rio de Janeiro consistiu em mostrar as mais diversificadas formas de se trabalhar os conceitos e os conteúdos geográficos vinculados à temática da cidade. Ou seja, tratar como ensino de geografia pode contribuir para uma articulação entre os conhecimentos oriundos dos alunos e os materiais diversos produzidos sobre a própria cidade. Para isto, é importante que os professores busquem em suas aulas organizar didaticamente os elementos necessários para a *mediação* do saber geográfico, buscando aproximar os conhecimentos teórico-acadêmicos que possuem acerca da realidade da cidade em face das mais diferentes linguagens disponíveis no cotidiano da mesma. Vale destacar que o uso de diferentes linguagens, associadas à cidade do Rio de Janeiro, podem possibilitar até mesmo intervenções a partir da compreensão dos fenômenos geográficos. Trata-se da intenção de fazer dos alunos sujeitos ativos capazes de questionar, lutar, agir, pensar acerca da realidade que os cerca.

As linguagens apresentadas neste artigo possibilitam vislumbrar diferentes sequências didáticas a partir de um determinado ponto de partida. Não se trata de fazer com que as atividades aqui propostas sejam encaradas pelos alunos como apenas uma forma de obter uma nota ou para “*passar o tempo da aula*”: busca-se verdadeiramente aprofundar questões relevantes através de diferentes formas de ensino-aprendizagem, permitindo ao público discente articular suas realidades vividas aos conteúdos ministrados em sala de aula.

Referências bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. *A Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IplanRIO. 1997.

AMADOR, Elmo S. *Baía de Guanabara e Ecossistemas Periféricos: Homens e Natureza*. Rio de Janeiro: Elmo S. Amador, 1997.

BARCELLOS, Frederico Roza. *Espaço e Lugar: O olhar geográfico Machadiano sobre o Rio de Janeiro do final do século XIX e início do século XX*. Dissertação de mestrado. Instituto de Geociências – Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza. Rio de Janeiro: Pós-graduação em Geografia – UFRRJ, 2006.

CACETE, Nuria Hanglei; PAGANELLI, Tomoko Iyda; PONTUSCHKA, Nídia. Nacib. “Representações e linguagens no ensino da Geografia”. In: *Para ensinar e aprender Geografia*. São Paulo: Cortez, 2007.

CALLAI, Helena Copetti; CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella; CAVALCANTI, Lana de Souza. “Lugar e Cultura Urbana: um estudo comparativo de saberes docentes no Brasil.” In: *Terra Livre*, v. 1, 2007, p. 91-108.

_____. “A Cidade Latino - americana como cenário didático”. In: Nubia Moreno Lache y Alexánder Cely Rodríguez. (Org.). *Ciudades Leídas Ciudades Contadas - La ciudad latinoamericana como escenario didáctico para la enseñanza de la geografía*. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2011, p. 22-44.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. “O Ensino de Geografia e a Formação Docente”. In: CARVALHO, Ana Maria Pessoa de (org). *Formação Continuada de Professores: uma releitura das áreas de conteúdo*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003, p. 103-120.

_____. “A psicogenética e a aprendizagem de Geografia”. IN: CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella (org.). *Educação Geográfica: teorias e práticas docentes*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 66-78. (Geosp: Novas Abordagens)

_____. “Lugar de Vivência: a cidade e a aprendizagem”. In: Garrido, Marcelo. (Org.). *Reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo. Reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo*. 1ed .Santiago: Ediciones Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2009, p. 37-56.

_____. “A cidade como método de estudo na educação geográfica”. In: LACHE, Nubia Moreno; RODRIGUES, Alexander Cely. *Ciudades Leídas Ciudades Contadas: La ciudad latino-americana como escenario didáctico para la enseñanza de la geografía*. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2011, p. 153-170.

CASTELLAR, Sonia; VILHENA, Jerusa. *Ensino de Geografia*. São Paulo: Cengage Learning. 2010.

CORREA, Fernando Satt. *Crônicas musicadas de uma cidade – representações do Rio de Janeiro nas letras de música popular brasileira do século XX*. Monografia de Graduação – Faculdade de Comunicação Social. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

- COSTA, Alexander. J. S. T. da; SILVA, José. N. *A Geografia presente em Canções da MPB e a música inserida no Ensino de Geografia: considerações e propostas*. Vitória: Anais de 7º ENPEG. 2003.
- FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira. *Material didático: discursos e saberes*. Belo Horizonte: Junqueira & Marin Editora. 2008.
- GUERRA, Antonio José Teixeira; CUNHA, Sandra Batista. *Geomorfologia e Meio Ambiente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1996.
- MELLO, João Batista Ferreira de. *O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira - 1928/1991 - uma introdução à geografia humanística*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Departamento de Geografia, UFRJ, 1991.
- LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 2007.
- NEVES, Cynthia Agra de Brito. *Poesia em sala de aula: um exercício ético e estético*. Dissertação de Mestrado em Educação. PUC- Campinas. Campinas: 2008.
- SACRISTÁN, José Gimeno. *Compreender e transformar o ensino*. 4ª ed. Porto Alegre-RS: Artmed, 2000.
- SIMIELLI, Maria Elena Ramos. *Cartografia e Ensino – Proposta e Contraponto de uma Obra Didática*. Livre Docência Departamento de Geografia, FFLCH/USP, São Paulo, 1996.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. *Urbanização e desenvolvimento no Brasil atual*. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. *O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- _____. *ABC do Desenvolvimento Urbano*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.